



REALT



PO

DARE TO

THAW17

PORTUGUESE AIR FORCE

Texto Tenente-Coronel PILAV João "Jedi" Rosa
Fotos Primeiro-Sargento João Brito

E foi debaixo de um sol radioso de Inverno que dia 4 de março pelas 09:00 levantava rodas a nona edição do Real Thaw 2017 (RT17). A Base Aérea nº 11 (BA11), em Beja, foi mais uma vez a escolhida para anfitriã deste que é o exercício anual setorial mais relevante da Força Aérea Portuguesa (FAP). De facto, ano após ano, este exercício tem vindo a ganhar espaço no seio das forças aliadas que após uma primeira experiência, raramente deixam de marcar presença nas edições seguintes. Este facto é bem demonstrativo da qualidade, da raça e da competência deste exercício, quer em matéria de apoio logístico oferecido, quer em matéria do treino operacional proporcionado.

BE AWARE





F-16M



C-130 da Força Aérea Norte-Americana

OBJECTIVOS, C2 E PARTICIPANTES

O RT17 pretendeu oferecer aos seus participantes a possibilidade de participar num exercício de *large force employment* num âmbito conjunto (com utilização coordenada de dois ou mais ramos das Forças Armadas) e combinado (com utilização coordenada de duas ou mais nações). A segunda semana do RT17 decorreu de forma simultânea com o Exercício *Ramstein Guard 01* (RG1), que é um exercício de guerra eletrónica de apoio, coordenado pela OTAN.

Os objetivos do exercício passaram por:

- Preparar, avaliar e validar a prontidão das Esquadras de voo Portuguesas;
- Desenvolver e operacionalizar a interoperabilidade dos participantes;
- Providenciar treino tático atual e adequado, trabalhando num vasto espectro de missões tão complexas e realistas quanto possível;
- Apresentar cenários desafiantes, em operação diurna e noturna, que obriguem à utilização de capacidades tanto aplicáveis em ambientes de conflito irregular e de baixa intensidade como àquelas destinadas aos conflitos convencionais de grande intensidade;
- Exercitar os meios de comando e controlo de forma coerente e planeada de modo a otimizar a utilização flexível do maior número de meios à disposição: aéreos; navais; terrestres; e de apoio (de forma transversal);
- Exercitar as capacidades logísticas da FAP através do estabelecimento e opera-



Equipa médica



ção a partir de uma base avançada (*Forward Operating Base – FOB*);

– Incorporar o exercício de apoio RG1, e os meios a si atribuídos, de forma a otimizar o treino por ele providenciado sem prejuízo do cenário estabelecido para o exercício.

Ao mais alto nível, o exercício apresentou como *Officer Scheduling the Exercise* (OSE) o Chefe de Estado-Maior da Força Aérea, General Manuel Teixeira Rolo, e como *Officer Conducting the Exercise* (OCE) o Comandante Aéreo, Tenente-General Joaquim Borrego. O exercício foi organizado pelo Comando Aéreo (CA). O Diretor do RT17 (EXDIR), o Brigadeiro-General Paulo Mateus (General Diretor de Operações Aéreas), idealizou o exercício e entregou o planeamento, coordenação geral e controlo à repartição de Exercícios e Avaliação (EXCON) que, em conjunto com as várias áreas do CA (Repartição de Logística, de Pessoal, de Finanças,



P-3C da Força Aérea Portuguesa



PAÍS	MEIOS	OBSERVAÇÕES
PORTUGAL	F-16M	Ar-Ar e Ar-Solo
PORTUGAL	ALIII	Destacados em Seia
PORTUGAL	P-3C+	Intelligence, Surveillance & Reconnaissance
PORTUGAL	C-295	Transporte Aéreo Tático
PORTUGAL	TB-30	Red Air
PORTUGAL	Alpha Jet	Ar-Solo
PORTUGAL	TACP	Operador e Coordenador de todos os meios TACP
PORTUGAL	ARS (CRC)	A partir de Monsanto
PORTUGAL	Núcleo de Operações Táticas de Projeção (NOTP)	
PORTUGAL	Exército	Brigadas Mecanizada e de Reação Rápida
PORTUGAL	Marinha	Unidades Navais, Fuzileiros e Destacamento de Ações Especiais (DAE)
NATO	E3-A	AWACS
NATO	DA20	Aeronave de Guerra Eletrónica (RG1)
FRANÇA	E3-F	AWACS
HOLANDA	C-130	Transporte Aéreo Tático
BÉLGICA	C-130	Transporte Aéreo Tático
ESPAÑA	F-18M	Ar-Ar e Ar-Solo
ESPAÑA	C-212	Transporte Aéreo Tático
ESTADOS UNIDOS AMÉRICA	C-130	Transporte Aéreo Tático
ESTADOS UNIDOS AMÉRICA	MV22	Transporte Aéreo Tático
ESTADOS UNIDOS AMÉRICA	KC-130	Reabastecimento Aéreo
ESTADOS UNIDOS AMÉRICA	Exército	Força Paraquedista
HOLANDA	TACP/Ground Liaison Officer (GLO)	
BÉLGICA	Tactical Aircraft Control (TAC ATC)	
DINAMARCA	TACP	



Figura 1

de Comunicações, Centro de Gestão de Espaço Aéreo, ARS-Monsanto, Núcleo de *Tactical Air Control Party* (TACP), etc.) e de outros comandos/unidades da FAP (Direção de Finanças, Médica, Transportes, Divisão de Operações, etc.), levaram a bom porto mais este desafio.

O RT17 apresentou aos seus participantes três *flying waves* diárias. A primeira (AM) dedicada a treino individual e respondendo a pedidos de treino específico das Esquadras. A segunda (PM) onde todos os meios se concentravam e faziam uma missão conjunta, com objetivos secundários entre cada participante, mas com um grande objetivo principal e comum a todos. A terceira (voo noturno), missões conjuntas onde se agrupavam alguns meios aéreos que, em coordenação com meios terrestres, cumpriam objetivos comuns entre eles.

CENÁRIO

O Cenário (Figura 1) centrava-se num Estado falhado cujo governo, ineficaz e sem controlo sobre o seu próprio território, havia abdicado do seu poder governativo. Num quadro de corrupção e criminalidade, grupos armados patrocinados pelo país vizinho agressor, e com fronteira a norte, iniciaram várias ações de natureza agressiva contra a população local. O país a sul, aliado, começa a acolher refugiados em número crescente e fora de controlo. A Aliança destaca uma força militar para a Base de Beja, de onde inicia uma operação que inicialmente tinha o único objetivo de proteger os refugiados e as fronteiras deste país aliado. Com o desenrolar da ação a Aliança tem que se adaptar, passar a uma ação ofensiva e a desenvolver-se para norte, inicialmente limitada às fronteiras do Estado falhado, mas mais tarde bem no coração do país agressor.

MISSÕES & EXECUÇÃO

O espetro de missões planeadas ao longo do exercício foi muito variado: *Defensive Counter Air* (DCA), *Offensive Counter Air* (OCA-Sweep & OCA-Escort), *High Value Airborne Asset* (HVAA) *Protection*, *Slow Mover-Protection*, *Airlift escort*, *Airdrops escort*, *Support Special Operations Forces*, *Non-Combatant Evacuation Order* (NEO Ops), *Air Assault* (AA), *Special Operations Aviation* (SOA), *Combat Service Support*



C-295 da Força Aérea Portuguesa

(CSS), *Convoy/helicopter escorts*, *Personnel Recovery* (PR), *Combat Search and Rescue* (CSAR), *Medical Evacuation* (MEDEVAC), *Tactical Recovery of Aircraft and Personnel*, *Close Air Support* (CAS), *Air Interdiction* (AI), *Dynamic Targeting* (DT), *Time-Sensitive-Targeting* (TST), *Anti-Surface Warfare* (ASuW), *Psychological Operations* (PsiOPS) entre outros.

A título de exemplo apresenta-se um resumo de algumas das missões feitas durante o RT17.

1º Dia (PM)

Missão

- Abastecimento aéreo dos campos de refugiados (*Tactical Air Transport* – TAT);
- Proteção do corredor aéreo de abastecimento aos campos (*Defensive Counter Air* – DCA).

Desenrolar da ação

- Os F-16 e F-18 estabelecem área de segurança que permite às aeronaves de transporte e helicópteros prestarem assistência aos referidos campos. Estas aeronaves, algumas já em voo (*Combat Air Patrol* – CAP) outras de alerta no solo (*Quick Reaction Alert* – QRA), estão em cumprimento de uma extensa lista de regras de empenhamento (*Rules Of Engagement* – ROE) que garantem que a força utilizada na proteção dos meios amigos é exatamente a requerida e só empregue quando e onde necessário;



MV-22

- As aeronaves de transporte e helicópteros, completamente integrados com as aeronaves de proteção aérea, fazem o transporte e distribuição (largada de carga aérea) dos mantimentos de acordo com o planeamento;
- Aeronaves adversárias: aeronaves ligeiras (TB-30 *Epsilon*), equipadas com armas químicas e helicópteros com heli-canhão (ALIII) a bordo, tentam chegar aos campos de refugiados enquanto protegidas por caças adversários de 4ª geração;
- As aeronaves de transporte e helicópteros da aliança conseguem levar a cabo a distribuição de mantimentos nos campos de refugiados sem qualquer baixa;

- Após várias provocações, e em situação de perigo eminente para os campos de refugiados, os caças, dando cumprimento às ROE estabelecidas, abatem uma aeronave ligeira, o que levou à intervenção das aeronaves de combate adversárias e ao início do conflito armado.

1º Dia (Voo noturno)

Missão

- Evacuação de pessoal não-combatente (*Non-Combatant Evacuation Order* – NEO) de território inimigo em preparação para os ataques a serem planeados para o dia seguinte;



O Distinguished Visitors Day teve lugar no dia 4 de março e contou com a presença do Secretário de Estado da Defesa Nacional, Dr. Marcos Perestrello e do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, General Manuel Teixeira Rolo, entre outras altas individualidades militares e civis

– Proteção do corredor aéreo, enquanto ativo, até à capital política do estado falhada (*Offensive Counter Air* – OCA).

Desenrolar da ação

- Os F-16 e F-18 estabelecem um corredor aéreo seguro para que as aeronaves de transporte possam entrar em espaço aéreo inimigo e retirar o corpo diplomático e civis dos países aliados daquela área;
- As aeronaves de transporte e helicópteros, completamente integrados com as aeronaves de proteção aérea, aterram com equipas médicas e de *Force Protection* (FP) a bordo para evacuar cerca de 200 pessoas;
- Aeronaves adversárias: caças de 4ª geração procuram evitar que as aeronaves alia-

das entrem em território por si protegido;
– Os C-130 conseguem aterrar em Tancos e evacuar todo o pessoal previsto, sem qualquer baixa.

2º Dia (PM)

Missão

- Atacar o sistema de defesa aérea inimigo que protege a base de Tancos, ponto considerado de interesse estratégico (F-16M e Alpha Jet);
- Tomar de assalto a Base de Tancos com uma largada maciça de tropas de assalto paraquedistas e equipamento bélico de apoio (C-130 e C-295);
- Escortar o P-3C+, o MV22 e o KC-130 até ao alvo (F-18M);

- Fazer largada de panfletos para influenciar a opinião pública em favor dos objetivos da Aliança (KC-130);
- Identificar zona e fazer uma análise de risco da área onde está prisioneiro um militar da Aliança (P-3C+);
- Destruir qualquer alvo considerado ameaça ao MV-22 na zona de recuperação do militar prisioneiro (F-18M);
- Transportar até à zona do prisioneiro as equipas especiais de intervenção e proteção (NOTP e DAE) e recuperar o mesmo até território amigo (MV-22);
- Ganhar e manter superioridade aérea durante o tempo necessário para fazer o ataque ao sistema de defesa aérea, para levar a cabo o assalto à Base de Tancos e

ESTATÍSTICAS		
MEIOS	SAÍDAS/EVENTOS	HORAS DE VOO/OUTROS
NACIONAIS	188	328:40
INTERNACIONAIS	139	274:55
TACP	78	# Guiamentos
MEDEVAC	15	Evacuações Aeromédicas
LANÇAMENTOS PARAQUEDISTAS	42	
LANÇAMENTOS CARGA AÉREA	54	



Transporte das tropas para o C-130



F-16M

para recuperar o militar mantido em prisão (F-16M).

Desenrolar da ação

- Os F-16 e Alpha Jet têm uma janela de oportunidade para destruir o C2 do sistema de defesa aérea inimiga (SA2 e SA3) que mantêm Tancos inacessível às aeronaves de transporte;
- Após este ataque e de forma coordenada, também com as aeronaves que garantem a proteção aérea, as aeronaves de transporte podem entrar na zona e lançar os paraquedistas e o material necessário para levar a cabo o assalto ao aeródromo;
- Os F-18 escoltam o P-3C e aguardam por *tasking* deste para destruir qualquer alvo considerado perigoso para a missão que os segue de imediato, o *Personnel Recovery* (PR) executado pelo MV-22;
- O KC-130 em formação com o MV-22 entra na área e larga panfletos junto à zona onde o Osprey faz a recuperação;
- Os restantes F-16 mantêm a ameaça aérea longe de toda esta operação, garantindo superioridade aérea local de forma temporária.

2º Dia (Voo noturno)

Missão

- Extrair o pessoal militar que já não seja considerado essencial para manter o controlo de Tancos (C-130);
- Transportar para Tancos equipas de apoio médico/logístico e material e viaturas para



Alpha Jet



C-130 da Força Aérea Holandesa



Desembarque de tropas a partir de um C-212 da Força Aérea Espanhola



E3-A AWACS



Formação de F-16 da Força Aérea Portuguesa



dar consistência e suporte às equipas de assalto anteriormente colocadas (C-130);
– Missões de Apoio Aéreo Próximo (CAS) (F-16M e F-18M).

Desenrolar da ação

– Com apoio das equipas TACP enviadas para Tancos durante a tarde, os F-16 e F-18 fazem várias missões de Apoio Aéreo Próximo (CAS) para garantir a eliminação de bolsas de resistência e, assim, o sucesso desta primeira incursão em espaço aéreo hostil;
– Os C-130 levam várias viaturas, material de construção e equipas de apoio de natureza variada para garantir o suporte necessário a uma missão de controlo da Base Aérea de Tancos de forma sustentada;
– Os mesmos C-130 fazem o refrescamento de pessoal na linha da frente, trazendo algumas das tropas de assalto feridas e outras consideradas não críticas naquele local e em preparação para o assalto a Seia no dia seguinte.



O RITMO DE BATALHA

O ritmo de trabalho do exercício obriga a longos dias (07:30 até às 24:00) de trabalho intenso, energético, minucioso e intercultural. É nomeado diariamente um *Mission Commander* (MC) que recebe a missão no dia anterior e garante, no próprio dia, o correto planeamento, coordenação, execução e extração de lições apreendidas naquela missão. O Airboss é um piloto experiente, que não está escalado para voar, e que consegue com uma visão isenta e externa, avaliar todos os detalhes, afiançar a correta coordenação com a equipa de controlo do exercício e funcionar como último garante da segurança.

Neste frenesim diário de planeamentos e missões consegue-se em tempo recorde coordenar todos os pormenores da missão, literalmente ao segundo, graças não só ao profissionalismo de todos os envolvidos, mas também ao cumprimento disciplinado e escrupuloso de um conjunto de regras e procedimentos *standard* previamente estabelecidos.

O trabalho de equipa foi, e tem que o ser, exemplar com as várias áreas a complementarem-se de forma edificativa. De facto, a aviação moderna, com toda a sua flexibilidade e especificidade, tornou-se num mundo demasiado grande e diversificado para ser gerido por um pequeno grupo de *experts* ou por uma só área do conhecimento. Indubitavelmente, as operações aéreas atuais exigem o contributo de um sem nú-

mero de áreas da aviação e de outras adjacentes que trabalham em coordenação próxima. Desde pessoal da área de comunicações, passando pela intervenção indispensável da Intell ou pelo contributo fundamental dos militares de *Mission Planning* até à operação dos *Forward Air Controllers* (FAC), é um conceito de operação em equipa baseado no princípio de *"every man counts"*. Na mesma toada estarão as particularidades das sub-áreas da aviação propriamente dita. Cada uma delas tornou-se tão especializada que desde a luta aérea até ao *Combat Search and Rescue* não é de todo possível, ou desejável, trabalhar que não seja com os especialistas de cada tipo de operação aérea envolvida.

O controlo aéreo das missões ficou a cargo de três entidades. Sendo que diariamente e de forma alternada, cada uma delas controlava o *Blue Air* (aeronaves da aliança) e outra o *Red Air* (aeronaves adversárias):

- ARS - Monsanto – *Air Control Center / RAP production Center / Sensor Fusion Post*;
- E3-A NATO *Airborne Warning and Control System* (AWACS);
- E3-F French AWACS.

A participação do DA-20, através do RG1, foi de tremenda utilidade. Esta aeronave e a sua tripulação altamente especializada, conseguem, como ninguém, recrear cenários em ambiente de guerra eletrónica que obrigam a um trabalho de preparação e a um processo de aprendizagem exponen-

cial a quem com ela trabalha. Têm capacidade para interferir junto de aeronaves, meios navais e radares de vigilância (terrestres e aéreos).

CONCLUSÃO

O Real Thaw é o exercício anual setorial de maior relevância da Força Aérea Portuguesa. O seu crescimento ao longo dos anos tem vindo a ser sustentado e demonstrativo de uma capacidade tremenda, ombreando com exercícios internacionais com muitas décadas de história. O RT17 foi mais um exemplo de sucesso, envolvendo mais de 3500 militares nacionais e internacionais, incorporando os outros dois ramos das Forças Armadas de forma natural e complementar e seguindo uma lógica de respeito pelas necessidades de treino das várias unidades participantes, sem nunca esquecer aquilo que são os conflitos aéreos atuais.

Este sucesso deveu-se à abordagem profissional e eficaz dos militares envolvidos nas várias etapas do exercício, desde o planeamento até à fase de *Lessons Learned*. De facto, aquilo que fazemos, fazemos bem e fazemo-lo de peito e coração cheios, cobijando sempre o orgulho e admiração de Portugal e dos Portugueses.

O RT está para ficar e edificar, moldando os nossos espíritos para uns cada vez mais combativos, as nossas forças para umas cada vez mais sólidas e as nossas equipas para umas cada vez mais concertantes. 